

SONHOS E MORTE DE UMA PRINCESA: D. JOANA DE PORTUGAL

*Mayra Rúbia Garcia**

Resumo

Este artigo trata das relações estabelecidas entre os sonhos e a morte de uma das princesas portuguesas da dinastia de Avis, D. Joana, filha do rei D. Afonso V e da rainha D. Isabel, que viveu como religiosa dominicana no mosteiro de Jesus de Aveiro e lá foi sepultada. A partir de algumas questões, abordarei proposições sobre o universo onírico medieval e o lado místico de uma princesa, que viveu no século XV e só foi canonizada no século XX. Também abordarei as hipóteses médicas sobre as causas de sua morte.

Palavras-chave: D. Joana, sonhos, morte.

Em 1490, ocorreu o falecimento da princesa D. Joana no mosteiro dominicano feminino de Bom Jesus de Aveiro. O memorial dessa casa religiosa escrito por Margarida Pinheiro constitui-se num documento importante para a análise da importância atribuída aos sonhos premonitórios e à questão do maravilhoso medieval que circundaram a morte da princesa.

Devido à influência do místico e fabuloso, sempre presentes na vida da princesa, não poderia deixar de lado as circunstâncias de sua morte. Tanto o maravilhoso como o sobrenatural e o miraculoso fazem

* Professora de História Medieval da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás.

parte e são da natureza do próprio cristianismo. Aliás, o maravilhoso é justamente a significação que se contrapõe ao cotidiano e à vulgaridade (LE GOFF, 1994, p. 47-51).

No século III, Tertuliano foi um semi-herexe que propôs a primeira teoria cristã coerente do sonho. Segundo ele, a alma, quando liberta de solitações exteriores durante o sono, emitia as suas próprias produções – e entre estas, os sonhos (WASZING, 1996; FREDOUILLE, 1972).

O sonho revela-se à noite, quando o corpo está desligado da alma, sendo que esta fica mais em contato com Deus, portanto, mais aberta e propícia aos Seus sinais (LE GOFF, 1994, p. 291). O sonho ou a visão, portanto, representa para o cristão uma via de acesso a Deus, uma oportunidade de estar em contato direto com Ele. Faz parte das imagens produzidas pela alma.

Nos sonhos podemos despertar o maravilhoso (tanto neste como naqueles tem-se uma natureza instável), porque a sua função cognitiva o dissolve em uma outra forma de conhecimento por intermédio da racionalização (LE GOFF, 1994, p. 62). O maravilhoso, nos sonhos, vem não como uma evasão, mas como realização dos planos de Deus.

O maravilhoso comporta-se nos sonhos no sentido de metáforas visuais, típico de uma série de imagens que o homem admira com os olhos e assim as interpreta. Se ligarmos ainda o maravilhoso, em um sentido etimológico, a raízes visuais, veremos que se encontra norteador pela noção de aparição (LE GOFF, 1994, p. 50).

É justamente por ter esse caráter instável que o cristianismo logo percebeu o perigo das livres interpretações. O mal-estar e a desconfiança em relação aos sonhos levaram a Igreja a exercer uma vigilância mais ou menos cerrada sobre eles. O próprio Tertuliano, bem como Santo Agostinho,¹ perscrutou sobre o verdadeiro valor do sonho no plano divino. Muitos deles, inclusive, levaram ao surgimento de várias heresias durante a Idade Média.

Por isso, no plano onírico, o que estava acima de tudo, o que importava, era quem tivesse tido esses sonhos. A validade da narrativa se pautava pela qualidade profissional, jurídica e social do “sonhador(a)” (LE GOFF, 1994, p. 295). No caso de D. Joana, todas as pessoas que sonharam com ela foram religiosos(as), quando não foi ela própria a ter tais “anúncios divinos”. Segundo a concepção medieval, a princesa era digna de receber tais sonhos.

Desde a Alta Idade Média, o meio monástico se constituiu como lugar privilegiado dos sonhos. Era lá que se encontravam os “sonhadores privilegiados” e os grandes produtores (literários e pastorais) de sonhos (LE GOFF, 1994, p. 328).

Margarida Pinheiro² narra vários episódios sobre a morte da princesa que teria sido anunciada “pelo Senhor” a três religiosas do Mosteiro: à própria priora D. Maria de Ataíde, à D. Violante Roiz e a uma outra religiosa mais antiga, da qual o *Memorial* não menciona o nome. A primeira teria sonhado com a morte de D. Joana em novembro de 1489, e D. Violante, em dezembro do mesmo ano.

A priora teria apenas visualizado D. Joana dizer que iria morrer cedo, deitada em uma cama ornamentada: “a cara e vestidos muito resplandecentes e de grande e maravilhosa fremosfera e riqueza e de muitas pedras preciosas toda cuberta” (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967).

Sobre o sonho de D. Violante, de anúncio da morte da princesa, que já há tempos percia, assim afirma Margarida Pinheiro (citada em SANTOS, 1967, p. 271):

Violante Roynz . das primeiras religiosas desta casa . no mês de dezenbro do anno sobrdito em que esta senhora nossa adoeceo . de . quatrocentos . oytenta e noue . estando huma noyte depois das matynas em deuota oracom segundo costumava . supytamente a tomou huum leue sonpno . no qual de todo nom dormyndo . nem de todo esperta . vija na casa em que a dita senhora ffoy lancada e falleceo.

Essa religiosa, assim como D. Maria de Ataíde, também teria visto a princesa no leito de morte, envolta em ricos objetos e ornamentos. D. Violante, porém, foi mais além: do lugar em que D. Joana estava deitada, rodeada de suas amigas religiosas, teria surgido um anjo, que mandou todas saírem do recinto. Assim o anjo professou: “Sahijuos todas . e daae lugar aas onze myl virgeens . e a outra muita gente que veem pera leuar esta jffante ao muito alto e grande Rey...”³ (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 272).

Não só o sonho dessa religiosa teria anunciado o breve fim da Infanta. No dia 8 de dezembro, os portugueses assistiram a um eclipse, cuja interpretação, à luz da época, foi assim expressa por Margarida Pinheiro (citada em SANTOS, 1967, p. 272):

[...] porque seendo este synal e ferymento da lua mym grande aas duas oras depois de mea noyte aos oito . dias do mes de Dezembro . e durou passante de três oras . a dita senhora nossa jffante . logo na outra noyte seguynte ... adoeceo de fortes accj dentes ... Ho outro synal antre outros per que ho Senhor Deus teue por bem demonstrar ho fallecimento desta sua serua e sposa.

O terceiro sonho sobre a morte de D. Joana foi o de uma religiosa, de nome desconhecido (à qual Margarida Pinheiro apenas caracteriza como muito devota e analfabeta), que, em fins de janeiro ou início de fevereiro, estava fazendo suas orações matinais no coro de baixo do Mosteiro, quando viu por três vezes o local exato onde D. Joana viria a ser enterrada. Essa visão, porém, só foi comunicada às outras irmãs depois do sepultamento da princesa, pois, segundo a mesma religiosa, só depois disso é que teria percebido que aquilo era um aviso do Senhor (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 272-273).

Esse era um costume durante toda a Idade Média: estabelecer uma relação estreita entre o sonho e o santo. Assinalada em um *topos hagiográfico*, consta como foram encontrados os corpos de santos (de preferência mártires) por meio de um sonho (LE GOFF, 1994, p. 322).

Outro sinal de providência narrado pela cronista teria sido recebido por um homem, no momento exato da morte da Infanta. O capelão do Mosteiro, Diogo Lourenço, estava em oração quando em sua frente apareceu um clarão de luz e, em seu meio, uma coroa de espinhos seguida de uma voz que assim dizia: “Falleceo e acabado he” (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 295). Sentindo um cheiro estranho no ambiente, logo foi surpreendido pelos sinos do Mosteiro que anunciavam a morte de D. Joana.

A Infanta esteve convalescente de dores por muito tempo, com plena consciência e lucidez de seus sentidos. Assim, ela teria sofrido ainda mais as dores acometidas pela doença; a tortura e o martírio eram ainda maiores.

É visivelmente perceptível, ao analisar essa fonte, que a morte da princesa é a parte mais minuciosa do *Memorial*. Isso nos remete a duas questões: teria sido proposital por parte da cronista, para poder enaltecer a vida santa e a grande devoção da religiosa D. Joana, ou, mesmo, poderíamos pensar que, ao contrário de ser proposital, na época, a própria Margarida Pinheiro teria convivido e testemunhado todos esses

detalhes que ela narra. Parece-me plausível que ambos os casos se completem.

As causas da morte da Infanta, vistas à luz da ciência do século XX, não têm hoje o aspecto romântico de que as revestiram certos cronistas e memorialistas, pois nessas mesmas crônicas perpassa a suspeita declarada de “envenenamento”. Para entender melhor todo esse contexto e as verdadeiras causas de uma princesa da dinastia de Avis ter sido canonizada, é válido que se mencione que o estudo da medicina não atingiu grande desenvolvimento no século XV,⁴ se comparado aos avanços do século XX.

A análise feita a seguir, sobre a morte de D. Joana, também contém alguns problemas: a dificuldade de afirmar com segurança a causa da morte de uma pessoa que deixou este mundo há quase seis séculos, e a facilidade com que poderá ser posta em dúvida a legitimidade do diagnóstico.

Se a morte se verificou há dezenas ou centenas de anos, que é o caso aqui, e se em volta dela se formaram lendas e acusações mais ou menos fantasiosas, é necessário cuidado ao analisar a causa da morte da princesa com base em nossa principal fonte: o *Memorial*, de Margarida Pinheiro, já mencionado anteriormente. Para tal feito, contaremos com a ajuda de um escritor, mais especificamente com um médico, Fernando da Silva Correia (1942), que, por meio dos sintomas apresentados pelo *Memorial*, nos passa seu diagnóstico.

No século XV, em Portugal, as doenças mais comuns eram as que apareciam sob forma de epidemias, conhecidas então com o nome de pestes. Além destas, poucas doenças merecem destaque. D. Joana mesma conviveu a maior parte de sua vida fugindo delas. Com relação ao tratamento das doenças, os medicamentos então usados tinham, na sua maior parte, por base plantas exóticas, como a sene e os tamarindos.

D. Joana, como filha do Rei, tinha os melhores recursos da época, sempre que se encontrava doente. Não foi “peçonha dada em uma púcura” que provocou a morte da princesa, mas uma longa doença a que não seriam estranhos as causas hereditárias, os freqüentes jejuns, as penitências e os cilícios.

Essa longa doença foi aqui dividida em três fases: em 1475, D. Joana sofre a primeira crise, adoce gravemente com inchaços, desmaios

e apostemas. Ficou nesse estado por mais de um ano, ocasião em que foi impedida de professar. Os melhores médicos e físicos de então prognosticaram “fígado e rins muito danados e quase podres”, medicaram-na e proibiram-na de jejuns, da abstinência de carne e peixes. D. Joana nasceu de uma mãe provavelmente tuberculosa e conviveu com D. Leonor de Meneses, que faleceu por esse mesmo motivo.

Isso sem mencionar que, em 1472, assim que entrou para o Mosteiro de Jesus de Aveiro, se alojou dentro de suas paredes muito próxima à enfermaria e sempre lá esteve visitando e cuidando das religiosas doentes. “A Princesa freqüentava a enfermaria sem nôjo de maus cheiros (perigo de contágio)” (CORREIA, 1942, p. 9-10). O contágio, que só viria com o contato com todo tipo de doença, era constante para D. Joana.

Já em 1481, de novo adoecer subitamente, após ter bebido um copo de água em dia de grande calor. Surgiram-lhe vômitos, diarréia, inchaço no ventre, grande fraqueza e o rosto tomou cor avermelhada. Teria sido nessa ocasião a primeira tentativa de envenenamento? Se os sintomas não tivessem sido precedidos seis anos antes pelos da primeira crise, a hipótese de envenenamento seria provavelmente difícil de desmentir. Assim, existem bastante dados que nos permite pôr à parte essa hipótese. É sabido que muitos têm demonstrado, através da história, uma verdadeira obsessão em atribuir a morte das pessoas reais ao envenenamento.

O fato de D. Joana ter morrido nova não indica que tenha sido envenenada. Sua mãe morreu com apenas 23 anos; seu pai, com 49; seu irmão, com 40, e seu tio D. Fernando, com 37, este ao que tudo indica também tuberculoso. Também o fato de a crise de 1481 ter surgido em seguida à ingestão de um copo de água fria em dia de calor não significa envenenamento. Mesmo porque, para se misturar qualquer tipo de veneno, a água era a substância menos indicada⁵ (CORREIA, 1942, p. 9-10).

A terceira crise, em 1489, foi caracterizada por febre, vômitos, diarréia dolorosa e sangüínea e ulcerações intestinais. Todos esses sintomas iam aumentando à medida que a doença se desenvolvia, enfraquecendo-a progressivamente. Esse mal acompanhou a princesa por cinco meses ininterruptos, até sua morte. A doença foi sempre renitente aos esforços dos melhores médicos da época.

É interessante mencionar que Margarida Pinheiro foi a religiosa que mais ajudou D. Joana em seus últimos dias, ficando incessantemente ao lado da princesa até sua morte. É essa escritora que descreve, em seu *Memorial*, todos os sintomas e martírios pelos quais D. Joana passou.

[...], e assu sua criada Margarida Pinheyra que lhe ajudaua a ssosteer a cabeça . aa quall mandou lhe alleuantasse com huma almofada . e lhe alynpaua manssamente com huma toalha as gotas muym grandes de suor . que em grande . abastança corrijam da cabeça e rostro. (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 288)

Associadas as três crises, as perturbações gastrointestinais, os suores, a diarreia crônica, os sintomas de seu estado mental característico de todo tuberculoso (lucidez constante, hiperesteria sensorial) e um misticismo cada vez mais refinado à medida que se aproximava da morte, parece não haver dúvida de que a princesa morreu vitimada não por envenenamento, mas por uma tuberculose intestinal.

D. Joana faleceu, então, no dia 12 de maio de 1490.⁶ Seis dias antes, pediu para confessar e receber o sacramento da extrema-unção (CORREIA, 1942, p. 15). É enterrada com o hábito da Ordem de São Domingos, no Coro da Capela, como religiosa professa. Seu enterro, porém, foi acima de tudo o de uma princesa, e não o de uma simples religiosa: as casas da vila de Aveiro cobriram-se de luto, e os bispos do Porto e de Coimbra assistiram à cerimônia usando grandes capelos de luto.

Rui de Piña e depois Garcia de Resende⁷ erram ao narrar a idade com a qual D. Joana teria falecido, sem contar que o último poderia ter copiado o cronista antecessor. Vejamos novamente a semelhança:

Nom ficaram d'ElRey Dom Affom outros filhos salvo ElRey Dom Joham que o socedeo, e a Ifante Dona Johana mais velha, que sem casar, e com vida, e obras de muy onesta, e vertuosa Princesa acabou ao diante sua vida no Moesteiro de Jesu da Aveiro, em hidade de trinta e seis annos, no anno de mil quatrocentos e noventa. (PIÑA, 1977, p. 893)

Garcia de Resende (1902, p. 61) apenas acrescenta algumas palavras e subdivide sua crônica em partes diferentes das que foram feitas na de Rui de Piña:

E d'El- Rei D. Affonso que sancta gloria haja não ficaram mais filhos que El-Rei D. João e a Infanta D. Joana, mais velha que El-Rei, que solteira sem casar, com vida e obras de mui virtuosa e catholica Princesa se finou, em idade de trinta e seis annos, no anno de mil e quatrocentos e noventa, como adiante será.

Outro erro grave se refere à confusão de datas feita pelos cronistas: D. Joana faleceu no mês de maio de 1490, e o casamento de seu sobrinho, D. Afonso (herdeiro do trono), com a Princesa D. Isabel, filha dos reis católicos, foi um mês antes, em abril, mas mesmo assim afirma a *Crônica*:

[...], se ho ñ atalhara a nova da morte da Ifante Dona Johana que ElRey no fervor destas festas, e prazeres foy dada; a qual pareceo, e elle asi a tomou, que fora em tal tempo por pendenza de tam sobeja alegria como por este casamento tomara. [...] E porem com todo ho sentimento da morte da Ifante Dona Johana ñ se leixou de prover per ElRey com muito cuidado, conselho, e dilligencia. (PIÑA, 1977, p. 967)

Estas e outras muito maiores festas se ordenavam cada vez em maior perfeição e maiores despesas, senão fora a morte da Infanta D. Joana irmã d'El -Rei, que então se finou no mosteiro de Jesu d'Aveiro, onde estava solteira sem casar, e falleceu em idade de trinta e seis annos [...]

E sentio El - Rei muito sua morte por ser em tão poucos dias, que não houve tempo para elle a poder ir ver e estar com ella em tal hora. Porque parecendo aos que com ella estavam que a doença não era de tanto perigo, o não fizeram saber a El - Rei, que por isso foi muito triste, [...] (RESENDE, 1902, p. 66)

Realmente D. Joana, nos últimos meses de vida, padecia das doenças com que conviveu por anos, não alertando ninguém que dessa vez iria morrer.

Apesar de D. Joana ter manifestadamente declarado querer ser a mais humilde das religiosas, e de sua vida no Mosteiro ter servido de exemplo a todas as professas, parece-nos, contudo, provado que o Mosteiro nunca a via como uma religiosa; acima de tudo, a via como a filha do Rei D. Afonso V e a irmã do Príncipe Perfeito (D. João II), Princesa Jurada do Reino. Podemos afirmar que até os seus últimos

dias de vida, o encargo de “Princesa Jurada do Reino de Portugal” a assolava.

O seu próprio sepultamento comprova isto. Apesar de ter sido enterrada com o hábito dominicano, assim como queria, D. Joana teve um cortejo mais digno de uma princesa do que de uma religiosa dominicana propriamente dita. Frei João Dias e todos os frades do Mosteiro da Misericórdia de Aveiro, juntamente com o bispo de Coimbra, Dom Jorge Almeida, e o bispo do Porto, Dom João de Azevedo, vieram a Ria de Aveiro para se despedir da princesa.

Depois de fechado o caixão, o cortejo passou em procissão pelo pomar, calçada e claustro do Mosteiro até o coro de baixo. O pomar era um lugar que D. Joana muito apreciava, e no qual passava grande parte de seu tempo, cuidando e cultivando as flores. Quando seu corpo por lá passou, imediatamente as flores secaram e caíram, sem nenhuma explicação. Até as flores se ressentiram por tão grande perda (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 291-292).

Não nos prolongaremos muito após a data de sua morte, pois há somente alguns fatos que não ultrapassam o limite deste artigo. Pois bem, nesse sentido, alguns fatos ocorridos pós-morte da Princesa se referem também a mensagens em sonhos enviadas por ela como providência. O primeiro sonho teria ocorrido oito dias após sua morte. Uma escrava sua, moribunda e à beira da morte, teria visto e conversado com a Infanta, mesmo esta não falando o português (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 296-297).

A própria D. Violante, já muito idosa, pela segunda vez teria caído em um sono leve, no qual D. Joana dizia para não se preocupar e nem mais chorar por ela, pois estaria muito bem junto ao Senhor. Aliás, as distinções, melhor dizendo, as fronteiras, nunca são bem delimitadas entre uma visão clara e o sonho a se interpretar. Outra religiosa amiga sua, de nome Catarina da Silva, ao fazer suas orações de madrugada, viu, segundo nos é relatado, um grande clarão e D. Joana em meio a ele (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 297-298).

E esses sonhos não ficaram somente no privado, mas também foram alvo do coletivo. É-nos narrado que algumas irmãs que se retiravam das orações para se dirigirem aos seus leitos, no mesmo momento sentiram um leve sono e viram D. Joana, todas na mesma

hora. Esta teria dito que em breve sete religiosas do Mosteiro iriam se encontrar com ela.

Esse é um fato interessante e curioso, pois realmente morreram sete religiosas em datas muito próximas: a 4 de março de 1491, Catarina Peres; a 7 de dezembro, Guiomar Velha; em janeiro de 1492, Margarida da Silva; em fevereiro, Violante Roiz; em julho de 1493, Joana de Siqueira; em fevereiro de 1494, Mícia Botelha, e em julho de 1495, Clara da Silva (PINHEIRO, citada em SANTOS, 1967, p. 299). Mas devemos deixar bem claro que a “anunciação” feita nesse sonho coletivo só foi divulgada depois do ocorrido.

Os motivos pelos quais a princesa foi canonizada fogem do objetivo deste artigo, mas é válido abordá-los, mesmo que de forma narrativa. Logo após sua morte, não só as religiosas do Mosteiro de Jesus de Aveiro começaram a cultuá-la e venerá-la, como também um número considerável da população aveirense. Seus restos mortais, guardados em um sarcófago mais modesto, tiveram um destino mais apropriado a uma das mais ilustres princesas portuguesas. Mudou-se somente o túmulo, pois sua localização ainda é a mesma onde a princesa faleceu. Portanto, os restos mortais de D. Joana encontram-se no Museu de Aveiro, onde até hoje há peregrinações e cultuações à Santa, como pudemos perceber no trabalho de campo.

No século XVIII, D. Pedro II encomendou a João Antunes a construção de um jazido digno de uma família da dinastia de Avis, que foi feito em mármore de carrara (MADAHIL, 1957, p. 43), em estilo barroco.

Esse túmulo foi construído logo depois de sua beatificação. Fato interessante: podemos visivelmente perceber a ostentação do jazigo, e não era para menos, por tratar-se do túmulo de uma princesa de Avis, que à época da construção estava em processo de canonização por causa de sua ligação com a ordem mendicante dominicana, em especial, com o Mosteiro feminino de Jesus de Aveiro.

Feito de cores variadas (mármore branco, róseo e escuro), o túmulo tem as armas portuguesas, o brasão da família de Avis e, por cima, o símbolo da realeza: a Coroa. As características de um jazigo cristão ficam denotadas pelos anjos que servem de base, e que também estão na parte superior – estes, como é visível, sustentam todo o conjunto, e em baixo, entre eles, tem-se em cada um dos lados uma ave fênix, indicando o sentido de renascimento (MENDONÇA, 1918, p. 143). Ao pé

do túmulo, nos dois lados, encontramos a inscrição *EX CINERE* (restos mortais).

A construção desse jazigo demorou de 1699 até 1711. É um trabalho típico de artistas portugueses, um singular monumento de mosaico de mármore policromos, ao gosto italiano, formando desenhos geométricos e emblemas sacros em suas diversas faces.

O primeiro processo para beatificação e canonização da filha de D. Afonso V foi iniciado pelo bispo de Coimbra, D. João Manuel (1625-1633). Nesse processo constam os catorze milagres atribuídos à D. Joana, sendo que destes somente três não foram aceitos pela Santa Sé, por não se enquadrarem como tais e não serem comprovados (NEVES, 1958; 1959).

D. Joana foi beatificada em 1693, e só em 1746 dá-se início, na Santa Sé, a seu processo de canonização. No processo é demonstrado o desinteresse da Santa Sé, por motivos de desavenças entre ela e o governo português. Em 1834, com a extinção das ordens religiosas decretada pelo governo português, o processo de canonização de D. Joana, assim como de outros religiosos, é colocado de lado (MENDONÇA, 1918, p. 133).

Depois, D. Domingos da Apresentação Fernandes dá um novo impulso ao culto da princesa. Retoma-se o processo de canonização, ao qual só vai ser dado o último veredicto, em 5 de janeiro de 1965, quando ela é oficialmente declarada Santa e Padroeira da Diocese de Aveiro, em ato realizado pelo Papa Paulo VI (MADAHIL, 1966, p. 18.).

Em 1874, faleceu a última dominicana do Mosteiro de Jesus de Aveiro e este é extinto. Para ser mais precisa, no dia 2 de março de 1874, deixou de existir um mosteiro que durou 409 anos (NEVES, 1958, p. 22.). Em seu lugar, existe a fundação do Colégio de Santa Joana, que foi igualmente extinto por meio de um decreto no qual se proibia a educação dirigida por ordens religiosas (MENDONÇA, 1918, p. 133). Em 1910, o local – onde primeiramente existiu uma casa das primeiras religiosas do século XIV, posteriormente transformada em Mosteiro no século XV, e depois em Colégio no século XIX – tem seu último fim como Museu (GASPAR, 1988, p. 293-294) da mais ilustre figura da cidade: a Princesa Santa Joana. Todo ano é comemorado, no dia 12 de maio, a festa da Padroeira de Aveiro.

Abstract

This article explores the relationship between the dreams and the death of one of the Portuguese princesses from the dynasty of Avis, D. Joana, daughter of the king D. Afonso V and the queen D. Isabel, who lived in two worlds: first as a princess in the royal court, after as Dominican religious in the Convent of Jesus de Aveiro and there she was buried. It investigates the medieval dreams world and the mystic universe of a princess who lived in the 15th century and was canonized only in the 20th century. It also shows the causes of her death by the contemporaneous medicine.

Key words: D. Joana, dreams, death.

Notas

1. Santo Agostinho, em sua obra *As confissões*, é protagonista de uma das autobiografias oníricas medievais.
2. Margarida Pinheiro conviveu, como religiosa dominicana, com a princesa D. Joana, no Mosteiro de Jesus de Aveiro, e foi sua primeira biógrafa. Essa obra é conhecida como *Memorial da Princesa Infanta D. Joana* e é a nossa principal fonte.
3. Nos séculos XV e XVI, desenvolveu-se muito, em Portugal, a devoção às Onze Mil Virgens, sobretudo com a oferta das relíquias, feita pelo imperador Maximiliano à D. Leonor, viúva de D. João II.
4. Quer no ensino, quer na prática seguiam-se Avicena, Rasés e Galeno, que tiveram primazia até fins do século XV.
5. No século XV, os venenos mais conhecidos eram os arsenicais, os sais de chumbo e os de antimônio, com os vapores de mercúrio, as carnes podres e as peçonhas de víboras e escorpião.
6. D. Joana escreveu seu testamento no dia 19 de março de 1490.
7. Estes dois cronistas régios são também fontes utilizadas na pesquisa e foram confrontados com a fonte de Margarida Pinheiro. É válido de nota, que é consensual entre os historiadores, dizer que Garcia de Resende teria copiado a *Crônica de D. João II* (irmão de D. Joana), de Rui de Piña.

Referências

- CORREIA, Fernando da Silva. A causa da morte da Infanta Santa Joana (uma história clínica do séc. XV). *Separata*, Lisboa: Imprensa Médica, n. 23-24, ano LX, 1942.
- FREDOUILLE, J. C. *Tertullien et la conversion de la culture antique*. Paris, 1972.
- GASPAR, João Gonçalves. *A Princesa Santa Joana e a sua época (1452-1490)*. 2. ed. Aveiro: Ed. Edilidade Aveirense, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- MADAHIL, Antônio Gomes da Rocha. *Iconografia da Infanta Santa Joana*. Aveiro: Ed. Coimbra, 1957.
- _____. *Princesa Santa Joana: do senhorio temporal da vila ao padroado espiritual da cidade e da diocese de Aveiro*. Aveiro: Coimbra Editora, 1966.
- MENDONÇA, Maria. *Santas de Portugal: esboço de hagiografia nacional*. Lisboa: Typographia Editora, 1918.
- NEVES, Francisco Ferreira. *O primeiro processo para a beatificação e canonização da Princesa Santa Joana, filha do rei D. Afonso V*. Aveiro: Oficinas Gráficas da Coimbra Editora, 1958.
- _____. *O processo informativo de 1687 para a beatificação e canonização da Princesa Santa Joana, filha do rei D. Afonso V*. Aveiro: Oficinas Gráficas da Coimbra Editora, 1959.
- PIÑA, Rui de. *Chronica do Senhor Rey D. Afonso V e D. João II*. Porto: Lello, 1977.
- RESENDE, Garcia de. *Chronica El-Rei D. João II*. Lisboa: Biblioteca de Clássicos Portuguezes. v. XXXII, 1902.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos (Org.). *Crônica da fundação. O mosteiro de Jesus de Aveiro*, v. I. II/2. Lisboa: Companhia de Diamantes de Angola, 1967.
- WASZING, J. H. (Ed.). *Tertullianus, De anima*. Amsterdam, 1946.